

*Para Ulisses e Irlanda,
meu pai e minha mãe*

*Tá vendo aquele homem,
ele não é o diabo.
Pode ser pior, mas é homem.
Pode ser filho de Deus, mas é homem
O homem é o barro do homem.*

Antes do *Se nos quisesse perfeitos,*
começo *fizesse-nos perfeitos.*

Como se chega ao extremo?

Vivendo.

Sal demais, nenhum sal.

Um dia após muitos outros dias. É longo o caminho.

Chão acidentado,

desprezo,

declives,

quedas.

A descida até ao lugar onde somos capazes de tudo é, por vezes, um
desmoronamento lento misturado à banalidade dos dias.

Ou abrupta avalanche.

E se a vida nos leva com ofensas, uma atrás da outra,

é bom que saibamos, por compaixão, que não há quem não vá.

Vamos.

E é por isso que não se trata de uma compaixão desinteressada.

É antes uma reciprocidade premeditada.

Alguma bondade nos servirá a todos, melhor defendê-la.
Vou contar o que sei.
É pouco.
Vi apenas a cena principal, mas foi o que me bastou
para o resto da vida.

Passsei a acompanhar a repercussão nos jornais e revistas,
li e ouvi entrevistas,
versões romanceadas,
investigações agressivas.

Muito foi sendo revelado:
infância, fê, entranhas.
O indizível.
As maledicências.
Os apelos desesperados.
A comoção dilacerante.

Algumas fotografias observei, demoradamente,
buscando na geografia dos rostos,
na curvatura das espinhas dorsais,
o percurso que levou aquelas pessoas até ali,
o lugar onde nos encontramos. À hora exata.
Sorte ou azar?
Destino?
Fluxo?
Quem pode reduzir a uma palavra
o que a sincronicidade engendrou?
Foi com esse barro que me dei um deus,
feito à minha imagem e semelhança, e que tudo viu.
Cada coração, cada fígado, cada genitália.
Todos os céus e infernos e silêncios.
Tornei inseparáveis «o que foi» e «o que poderia ser».
Fiz do possível o provável e, dele, o óbvio.

Nada me foi indiferente.

VÉSPERA

E ainda assim, nada me comoveu um outro desfecho.

Por ironia, ao longo de todos esses anos
o que mais pesou em mim foi a felicidade.

Sim, a felicidade às vezes é uma manta curta,
não dá para todos.

Puxei com demasiada força a minha parte.

As consequências, ainda hoje, varam as minhas madrugadas.

Não há consolo em dizer que o que nos acontece, nos acontece.

Parte fazemos, parte nos fazem.

Às vezes, é preciso ir longe para chegar vindo de trás e alcançar a véspera da véspera da véspera do acontecimento. O momento preciso em que tomamos ou somos tomados por uma direção e um belo dia... ou um triste dia, somos o que somos.

Vamos ao começo.

Aos primeiros raios de consciência, antes de abrir os olhos, Vedina Maria dos Santos, deitada na sua cama, como um feto que se recusa a nascer, deslizou o braço no espaço vazio ao lado do seu corpo e passou a mão no lençol impecável e frio. Mais uma vez, Abel não dormira com ela. Só então franziu a testa e se levantou como se dos talhos profundos entre as sobranceiras encontrasse forças para mais um dia.

Caminhou até ao banheiro, sentou-se no vaso, os pés dois palmos separados, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça pendida para a frente. Esvaziou a mente enquanto ouvia, do início ao fim, o som do seu miço bater na água parada. Única meditação do dia. Dali em diante, seria invadida por intermináveis diálogos mentais. Brutos, ressentidos. Polifônicos. Estava em guerra. Queria outra vida.

Vestiu uma roupa de reunião. Escovou os dentes, lavou a boca com água gelada, juntou os cabelos num rabo displicente e olhou-se por alguns segundos no espelho. Constatou, olho no olho, que ainda estava ali. Humilhada, foi acordar o filho. Passou pela sala e, sobre o sofá, viu o travesseiro e a coberta de Abel.

Augustinho dormia profundamente. «Augusto», chamou, sem diminutivos. «Acorda. Vamos. Tá na hora», insistiu, sacudindo-o, também sem diminutivos.

O corpinho de cinco anos, antes inerte, como um carro de última geração, ganhou velocidade de zero a cem em trinta segundos. «Não, senhor...», interveio Vedina, com a impaciência acumulada em cinco anos de cansaço, tirando das mãos de Augusto o

brinquedo que, Deus sabe como, já tinha ido parar lá. «Para o banheiro, agora. Faz seu xixi, lava o rosto e escova os dentes. Vamos, vamos!»

Augusto obedeceu, não sem antes driblar a mãe e sair do quarto levando com habilidade uma bola entre os pés, enquanto narrava em rotação acelerada uma final de campeonato.

Vedina, de volta aos seus pensamentos, organizou mecanicamente algumas roupas na mochila colorida. Uma bermuda verde, uma camiseta branca com uma moto estampada espalhando terra para todo lado e um agasalho com capuz. Pôs também um pouco de dinheiro no bolsinho interno, um pouco mais do que costumava pôr todos os dias. Fez tudo concentrada nas verdades que precisava de dizer a Abel, garimpando as melhores palavras para o deixar, decisão que na sua cabeça levava a cabo, diariamente, mas nunca na prática. Não queria apenas uma separação, queria, embora não admitisse, devolver-lhe cada dia de sofrimento. Foi quando ouviu um barulho cortante. Correu até à sala e encontrou a cristaleira e os seus cristais espatifados no chão. Era o golo de Augusto.

«Que inferno! Já falei mil vezes para você não jogar a merda dessa bola dentro de casa», gritou ensandecida.

Agarrou, enérgica, o braço do menino assustado e arrastou-o até ao quarto. Ignorou os pezinhos, pão francês, triscando o pontiagudo dos cacos de vidro espalhados pelo chão da sala. Com movimentos bruscos, pôs a roupa ao filho, que por sua vez não demorou a dar os primeiros sinais de ter superado o susto da cristaleira destruída, e com caras e trejeitos, rebolados e patéticos, pôs-se a chacotear a longa fúria da mãe. Desde que ele nasceu, sou obrigada a ser sua mãe, talvez tenha sido esse o pensamento que atravessou Vedina, no exato momento em que ignorou um fio de sangue que manchou, como um dominó, a meia branca do filho.

Naquele dia, ela deixou tudo como estava. A pia suja, as camas desfeitas e a infância irritante estilhaçada no chão da sala. Era assim que Abel encontraria a casa ao voltar da padaria ou do raio que o parta. Vedina apressou-se, não queria encontrá-lo. Pôs o filho no banco de trás do carro, preso com o cinto de segurança. Arrancou.

Mal saiu da garagem, voltou a dizer a Abel para sair de casa. Não aceitaria mais o dar de ombros dele. Viu a expressão inalterada do marido, a provocação da sua surdez, o desrespeito de nenhuma atitude. Abel era opaco. Era irritante. Rocha.

Vedina soltou as mãos do volante e estalou os dedos, um mau hábito com bons efeitos sobre o seu corpo atormentado. Ao longe, os sons do filho pulando, já solto no banco de trás. A onomatopeia da luta dos Power Rangers na mão do menino

era repleta de texturas sonoras. Dentro de Vedina, os gritos eram ainda mais altos. O corpo pequeno de Augusto, em pleno ritmo, golpeava o ar: chutes nas galáxias, cambalhotas heróicas. Os pensamentos de Vedina em rotação acelerada ensaiavam o rompimento com Abel tomados por sons mais agressivos que os de naves espaciais velozes e sabres fosforescentes. O menino noutro planeta tão distante quanto a mãe. Lá, para ele, não havia gravidade, para ela era só o que havia. Ele podia voar, ela não. E no golpe decisivo, aquele que acabaria com os monstros invasores, Augusto chuta a cabeça da mãe. Vedina mete o pé no travão até ao fundo. A parada é brusca. Augustinho voa.

Voa e bate na consola do carro. Bate e explode numa gargalhada. Aquilo foi uma manobra radical, o monstro fora para sempre humilhado. A gargalhada agride. Vedina abre a porta e sai. O passo é cego e firme, todas as articulações tomadas de determinação. Ela puxa o filho para a calçada e em seguida joga no chão, aos pezi-nhos dele, a mochila colorida. Sem uma palavra, entra novamente no carro e arranca. Vai-te foder, Abel, vai-te foder.

Augustinho requebra arteiro na calçada. Não pressente. Tudo ainda é outra galáxia. O carro da mãe afasta-se. Vedina, ainda cega, vê pelo retrovisor o corpo saliente do filho lentamente paralisar. Vê a caricatura de menino levado desmanchar-se. A mão, biscoito maria, cheia de furinhos, deixa cair o Power Ranger no chão e enrola afiluta, com a pontinha dos dedos, a barra da camiseta.

Nem meio quarteirão depois, ela dá-se conta: a avenida é de mão única. Há muitos carros atrás dela. Não consegue encostar. Não consegue dar meia-volta. Decide dar a volta no quarteirão. Vira na primeira à direita e acelera. Sem demora alcança uma fila de carros menos apressados. Vedina pressiona, quase cola no carro da frente, buzina, mas pouco adianta... Vai, vai... Finalmente, na próxima esquina, ela vira à direita e a poucos metros há um camião do lixo parado. O bom humor dos lixeiros parece-lhe insuportável. Há uma pilha de sacos para ser recolhida. Eles dançam e brincam. Vedina pensa em ultrapassar o camião, mas a pista ao lado está movimentada. Muitos carros vindo. Ela buzina, ninguém a compreende. Só falta um saco, um dos rapazes pega-lhe e joga-o de longe como se o camião fosse uma cesta de basquete. O saco bate no aro e rasga. Ela bate as mãos com força no volante. Ele abaixa e cata o lixo. Ele demora. Ele é um filho da puta. O camião começa a andar. Agora vai. Vai, caralho! Mas, logo adiante, outra pilha de sacos de lixo. E mais uma vez. E mais outra vez. Vedina estala os dedos, quer quebrá-los.

Finalmente o camião segue reto e ela vira à direita. Falta pouco. O sinal fecha, uma senhora idosa atravessa na faixa. O sinal abre para Vedina, ela quer arrancar, mas a senhora é lenta. A faixa é a faixa, soberana, civilizada e deitada sem pressa no chão. Mais meio quarteirão, apenas meio quarteirão, e estará de volta à rua onde deixou Augusto. Ela segue tentando correr. Chega na esquina, para, aguarda o fluxo de carros passar, precisa conseguir entrar. Ela força a barra, os carros buzina. O horário é de pico, movimentado, todos medem pressa uns com os outros. Ninguém a deixa entrar. Mas ela joga-se na marra, sob protestos ruidosos, acelera e para exatamente onde deixou Augusto. Já não tem certeza... mas acha que foi ali. Ele não está lá. Ela desce do carro e anda aflita. Não vê o filho. Corre na banca e pergunta. «Alguém viu um menininho de cinco anos, vestindo...» Como ele estava vestido mesmo? Ela não se lembra, não reparou. Tenta explicar como ele é... Busca tremendo uma foto no celular. Ninguém viu. Corre para um lado, corre para o outro. Estala os dedos que já não estalam. Os talhos profundos entre as sobrancelhas ganham status de abismos. Ninguém viu. Vedina, agora, é uma carne desesperada girando sobre si mesma. Pensa em Abel, o que vai dizer ao Abel?

18

*À palavra é dado ser poema.
Ou cativoiro.*

Antunes pai era uma aberração às avessas, quando bebia tornava-se uma pessoa melhor. A rigidez e o mau humor crónico que lhe mapeavam o rosto e pesavam os gestos davam lugar a um sorriso largo, bonito, tão iluminado que ele até mudava de cor. Sóbrio era intragável, bêbado era adorável. Sem afetações etílicas, falava pouco mas exigia muito. O seu silêncio não era de timidez ou distração, nem era cautela ou sabedoria. Nada disso. Era um silêncio carrancudo, inquisidor como a pausa de um interrogatório, a que antecede a condenação. Tinha um tónus alerta atento aos mínimos troços dos observados para arrasá-los sem dó. No pouco que falava, brigava. A sua mulher era quem melhor definia: a cada palavra um coice. Não fosse a cachaça, estaria perdida.

Antunes filho, Tonico, quando via o pai abrir a porta mais alta do armário atrás dos seus dois copos, um para a cerveja, outro para a cachaça, vibrava de alegria. Criava coragem de ficar por perto, mesmo exposto aos tensos minutos de transição do mal sóbrio para o bem bêbado, que duravam pouco mais do que uma dose. Quando então o pai lhe desarrumaria os cabelos num afago de mãos leves e

brincalhonas pelas quais valia a pena esperar. As doses seguintes resultavam em maiores ganhos e, em pouco tempo, lá estava Antunes filho ao colo de Antunes pai. Rindo, com as suas bochechas rosadas, só de ver o pai rir, achando uma beleza a intimidade que se estabelecia entre eles. No coração de Tónico, dividido entre odiar e amar desde muito cedo, o álcool tinha poderes milagrosos. Prometeu beber quando crescesse.

Mas, para o azar de Custódia, que se casou com Antunes filho, quando ele bebia tornava-se uma pessoa pior. O que na verdade não se tratava de nenhuma aberração, porque a caceteada insuportável dos bêbados é um dado quase unânime, não fosse Antunes pai sua única exceção. Por sorte, no caso de Tónico, o porre limitava-se a brincadeiras de mau gosto, repetições intermináveis e constrangedora jactância. Jamais descambou para a violência física, nem para arroubos de coragem. Nem se tornou um sujeito imprestável ou encostado. Ficava inconveniente, chato de verdade e, para o desespero de Custódia, tarado, também de verdade.

O começo da maçada era qualquer assunto que lhe viesse à cabeça. Já o fim era invariavelmente levar Custódia para a cama junto com o seu pénis num estado equidistante entre o mole e o duro, o que o tornava um membro indeciso entre desmaiar ou chuvejar. Como aquilo demorava!!!, era o pensamento recorrente da sua mulher. Tónico começava a fuçar no corpo dela, morder, farejar lugares que, fosse por ela, deveriam viver inabitados. Ele divertia-se, ela, com muito custo, seguia em frente. Sinceramente, nunca entendeu tanto entusiasmo por sexo, sempre achou um verdadeiro porre — o que de facto era, tratando-se de Antunes filho. Tratando-se de Custódia, era solidão.

Os dois conheceram-se numa festa de família. Custódia morava em Divino das Laranjeiras, interior de Minas, e a sua prima namorava um primo de Antunes. Por ocasião do noivado dos dois, ele esteve na cidade e encantou-se com Custódia, que a seus olhos tinha uma timidez excitante. Sabe-se lá de onde vem a força de uma primeira impressão, menos ainda para onde vai. Mas há nesse começo um grande poder. Antunes deu um jeito de ser apresentado a Custódia e foi tomado por seríssimas pretensões. Ela aceitou a corte com pressa de escapar do

fundo de um poço. Queria mudar de vida, morar numa cidade maior, sair da casa dos pais, lugar claustrofóbico, onde quase tudo não pegava bem. Até sorrir comprometia.

Os dois namoraram alguns meses por carta. Encontraram-se quatro ou cinco vezes antes de se casar, sob o olhar vigilante da mãe de Custódia. Logo depois da cerimónia de casamento, cheia de véus e flores diante de Deus, lá estava aquele homem pelado diante dela, sem cerimónia alguma. Era a primeira vez que via um homem nu e foi para ela um assombro.

Aquela carne exibida ofendia-a desmesuradamente. Era uma arma apontada na direção do seu ventre, ameaçando perfurá-la. Para Custódia, a imagem de um pénis ereto foi um choque nunca apaziguado. Era ignorante no assunto. A sua mãe, de poucas palavras e intransponíveis distâncias, não a prevenira. Nunca falaram de sexo uma com a outra, embora sexo fosse uma presença ubíqua que impregnava aquela casa de severidade, pelo menos na extensão de todo raio que Custódia, a única filha mulher, deslocava em torno de si. O veredito sobre as amigas que prestavam ou não, o julgamento dos decotes e comprimentos dos vestidos, os lugares e horários permitidos e até as alegrias que podiam ser consideradas dignas de uma pessoa decente passavam pelo maldito sexo. O que dele resvalava era envolto em pecado e condenação. Um mal necessário, ou melhor, um necessário absolutamente mau.

Foi neste lugar que Antunes filho arrumou de se meter. Apesar de ostentar confiante uma considerável e fogosa arma entre as pernas, ansiosa por um encaminhamento, foi um homem sensível e gentil na primeira noite dos dois. Estava sóbrio e sóbrio podia ser amado.

Naquela noite, Custódia controlou a sua repulsa de que a invasão se daria, e a arma entraria dentro dela cuspiendo gosma repugnante. Tinha uma enojada notícia dessa mecânica, misturada a apavorantes ignorâncias. Não ofereceu resistência, mas naturalmente ficou a quilómetros de distância de qualquer entusiasmo. No fim de todo aquele entra e sai, acabou por confirmar que o mal necessário dói.

Com o tempo e, principalmente, com o intenso treino de um marido sempre animado, a dor da primeira vez foi dando lugar a uma

indiferença apressada, que dependendo do teor alcoólico de Antunes transformava-se em impaciência a muito custo dominada por Custódia. Ela vivia irritada, mas não apelava de todo, porque se o mal era passar por tudo aquilo, quase que diariamente, o necessário era ter um filho. Crescei e multiplicai-vos, sem isso, de que serviria viver? Custódia queria, mais do que tudo na vida, engravidar. Era um desejo antigo, imensamente maior do que todo o desgosto que sentia nas intermináveis horas de conjunção carnal com Antunes filho. Ele, sóbrio, desconfiava do desinteresse da mulher. Ressentia-se. Queria que ela fosse mais ousada, sonhava com iniciativas voluptuosas, mas a qualquer dose de cachaça esquecia-se da falta de entusiasmo dela.

Os anos foram passando, o desejo do marido não arrefecia, e mesmo com tantas oportunidades de se encarnar, os filhos não vinham. Maldita vida, sofria Custódia. Foi perdendo o brilho, ficando triste e temerosa de que não pudesse engravidar. Os médicos investigaram a fundo e não encontraram nenhum motivo fisiológico que a impedisse de ser mãe. Antunes filho, depois de relutar, concordou em também ser inspecionado, sempre lembrando a todos, antes, durante e depois dos exames, da sua esfuziante virilidade. Achou uma maravilha os minutos que passou no banheiro de uma clínica com uma revista de mulher pelada numa das mãos e a outra liberada como a luz do dia! Não deu em nada. Tudo certo com o seu exército! Os médicos recomendaram paciência ao casal, estavam convictos de que, mais cedo ou mais tarde, aconteceria. Custódia ainda era jovem. Que tivesse, pois, o que os jovens não costumam ter: paciência.

Mas a juventude passa e, no coração amedrontado de Custódia, voava. Cada menstruação que descia era uma morte. Quando uma mulher quer um filho e não pode ter, passa a ver-se como mercadoria estragada. Não há consolo que alcance uma dor tão íntima. Diante da impotência da ciência e dos médicos, que falam muito e muito não resolvem, Custódia enfiou a cara na Bíblia. Bateu os joelhos no chão, determinada. Deus daria um jeito. Já dera inúmeras provas de que para Ele nada é impossível no terreno da fertilidade. De Sara à virgem Maria, se é da vontade de Deus engravidar uma mulher, não tem

idade, nem esterilidade, nem sequer necessidade de um homem. Meio homem bêbado haveria de ser o suficiente.

Custódia, incansável e sem humor, obstinou-se por um milagre. Passou a falar com a boca presa como se temesse um mau hálito. Tonico não teve dúvidas: a sua mulher azedava a olhos vistos. As vontades de Deus passaram a fazer parte de todas as frases que ela dizia. E, para o desespero de quem cruzava o seu caminho, tornou-se convicta de que a graça pretendida por ela só seria alcançada mediante o esforço de catequizar todos ao seu redor. Tratava-se de um escambo com o Pai eterno: Ele dar-Lhe-ia um filho, ela dar-Lhe-ia fiéis.

No desenrolar desses esforços, parte da atmosfera impregnada na casa dos seus pais, da qual Custódia se empenhara em escapar, passou a dominar a sua própria alma, com toda a rigidez de quem acredita nas muitas portas do inferno. Uma infinidade de regras e constantes pregações caíram às toneladas em cima de Tonico, e passaram a pesar mais do que o corpo dele em Custódia. Tudo era pretexto para um inflamado versículo, um salmo, um mandamento. Um sermão e muita pressa. A sacanagem estava abolida até ao fim dos tempos. E Tonico foi ficando irritado de tal maneira que nem quando bebia esquecia mais. E quando parecia que o ramerrão não podia piorar, deu-se a fusão: Custódia engravidou. Recebeu de Deus mais do que um milagre: dois, gémeos como os da estéril Rebeca, personagem bíblica, mãe de Esaú e Jacó, mesmo Custódia tendo fracassado na tarefa de converter Antunes num devoto.

Se um filho já era quantidade de graça o suficiente para encher o seu ventre ávido por procriar, dois eram um álbi, uma trégua providencial, que suspenderia de imediato o aborrecimento de se deitar com o marido. Uma decisão comunicada a Antunes como severa prescrição médica. Abstinência medicinal e inegociável. Para Antunes, acostumado a ter a mulher na hora que bem entendesse e, principalmente, nas horas em que, embriagado, não entendesse mais nada, era uma contrariedade. Estava cancelada a diversão. Quartos separados. Nenhuma aproximação autorizada, nenhuma falta lamentada... Se antes ele desconfiava da indiferença de Custódia, agora tinha certeza do seu desprezo.

Há muito mais para se dizer de Tonico, no entanto. O avesso de um homem é, com um pouco de sorte, outro homem. Antunes filho tinha os seus encantos, não era só vícios. Era também trabalhador, disciplinado e dotado de muitas habilidades. Fosse qual fosse a esbórnica da noite anterior, às seis da manhã estava de pé, cuidadosamente banhado e vestido. No bolso da calça de tecido, um punhado de balas de menta, para espantar o bafo de onça e jamais a freguesia. Ele, por muito tempo, imaginou para si um destino diferente, queria ser engenheiro, tinha inteligência para isso, mas herdou do pai uma loja de tudo quanto há, a Pregos & Etecetera. Cinco mil itens de utilidades que, por incrível que pareça, alguém, mais cedo ou mais tarde, acabaria precisando. Pregos, extensões, martelos, fita isolante... A pequena loja era um corredor estreito, com prateleiras de ambos os lados, abarrotadas de caixas meticulosamente organizadas. Todas com etiquetas escritas à mão, em letras cursivas impecáveis. Desenhadas por Antunes filho, que bebia, mas, para o espanto de muitos, não tremia.

Os seus clientes eram fiéis. Prontamente atendidos e sempre encantados com a capacidade de Antunes de encontrar qualquer coisa no meio de tantas coisas. Nunca teve computador, nem quando esses se alastraram como uma praga. Controlava de cabeça os stocks e sabia onde estava cada item. Memorizava a lista de compras dos clientes e era capaz de, sem a ajuda de calculadora, somar mentalmente o total a ser pago. Depois transferia para um papel picado o detalhamento da operação e prestava contas ao cliente, antecipando orgulhoso o resultado. Nunca errava. Não havia dúvidas que desperdiçara ali, em sítio tão estreito, uma inteligência que lhe poderia ter dado outra vida, mas faltou-lhe coragem para contrariar o pai.

A sua rotina era metódica. Por volta das cinco da tarde, fechava a loja e ia para casa levando pão fresco, cerveja gelada e, de tempos em tempos, cachaça. Era uma vida de bairro numa cidade grande. Pelos caminhos de sempre, muitos conhecidos.

Depois de anunciada a gravidez dos filhos gémeos e de ser banido do paraíso entre as pernas da mulher, os porres de Tonico passaram a obedecer a outros protocolos. Na primeira dose, ele tirava os sapatos,

conservava as meias e mantinha a voz num volume elegante. Na segunda, já em brados retumbantes, gabava-se de ser um homem varonil: «Com uma canudada só, meti logo dois filhos na barriga de Custódia. Tem que ser muito bom de pontaria para acertar duas bolas na mesma caçapa. Golo de artilheiro bom de taco!» Era o momento vulgar da noite, em que ele misturava os desportos e ria sozinho do duplo sentido sacana dos seus trocadilhos lamentáveis.

Na terceira dose, as meias eram arrancadas e a tristeza começava a encostar-se. Os olhos de Tonico enchiam-se de um desamparo infantil. Eram os mesmos olhos de quando ele, ainda criança, olhava sôfrego para o pai, na expectativa de vê-lo transmutar-se de odiável a amável. Daí em diante, Tonico e as suas bochechas cor-de-rosa já envelhecidas choravam, porque o colo do pai não viria. Custódia não viria. Nenhum afeto viria. Só aquele abandono ia comparecer, acompanhado de arrastadas mágoas. Nesse momento, o desprezo da mulher elevava-se aos píncaros e doía mais fundo nele. Quanto mais doía, mais antipatia ela manifestava. Custódia preferia a chatura do sexo de baixa resolução a um homem carente chorando com exagerado desamparo. Aquilo ela não suportava, não despistava. O porre dele ia embora, nunca a antipatia dela. Todos os dias, enquanto o marido bebia, Custódia perdia doses de respeito por ele.

Claro que Antunes percebia o descarte a que estava sendo submetido. Sentia a humilhação e só fingia não ligar. Desejava a sua mulher, depois de tantos anos, como da primeira vez em que a viu. E desejava ser respeitado. Tornou-se dois homens num. Dois estranhos dividindo o mesmo corpo sem contracenar. O passo disciplinado do amanhecer não cambaleava com as pernas alcoolizadas do anoitecer. O gosto da menta na boca não se misturava com o de cachaça. A capacidade de encantar os clientes não conhecia a capacidade de exasperar a mulher. Mas entre o Antunes sóbrio e o Tonico bêbado, juntando os dois numa só existência, resistia o sujeito ressentido. O tipo que se cala sem esquecer. Esse estava em todo lugar, atento ao momento da desforra. Alimentava uma antipatia sem tamanho pela religiosidade de Custódia, creditava a esse excesso de Deus toda escassez de alegria na mulher e,

consequentemente, na própria vida. Tinha ímpetos de desacatar o que era sagrado para ela e começou a preparar em fogo baixo uma vingança bem fria. A todas as ofensas recebidas daria um só troco, exatamente onde a dor dela mais seria capaz de doer.

Tudo foi sendo meticulosamente entrincheirado dentro dele. A cada manifestação explícita de desprezo de Custódia — nunca inofensivas, ela era boa em despezá-lo, diga-se de passagem —, Antunes ganhava um pouco mais de coragem de magoá-la. Estava a todo vapor calculando o seu revide, quando Custódia entrou em trabalho de parto. Deram uma bonita trégua. Antunes manteve-se ao lado dela, sóbrio, solícito e compadecido com o sofrimento da mulher. Foram trinta horas de dor, um calvário indescritível. E ele não arredou o pé. Custódia aceitou, com gratidão, a presença de Antunes, a maneira como ele segurou as suas mãos, como fez carinho nos seus cabelos, como acompanhou e exigiu todos os cuidados, tanto para com ela quanto para com os filhos. Se ele fosse sempre assim, ela amá-lo-ia. Ao final de todo aquele martírio, mesclado a um passageiro enternecimento que se deu entre eles, nasceram dois meninos gémeos. Idênticos.

Três dias depois do parto, quando a ternura vivida trazia a ilusão de novos tempos, Antunes chegou a casa com o passo cambaleante, a cara exitosa e a certidão de nascimento dos meninos na mão. Custódia estava no quarto nocauteada pelo furacão dos recém-nascidos. Ele entregou para a mulher a certidão e esperou. Os dedos fazendo um barulho discreto sob a cómoda, tentando sustentar uma aparente banalidade. Queria ver bem de perto a reação dela. Aguardou o impacto de sua agressão com o mesmo tónus que se espera uma cobrança de penálti do próprio time: certo de um golfo incerto. O gozo que ele esperava saborear, ao golpear Custódia, não contava com o tamanho da tristeza que provocou nela e fez dele vítima do que não saberia lidar para o resto da vida. Bateu na trave. Bateu na maldita trave.

— Porque você fez isso, Antunes? Os meninos iam chamar-se Pedro e Paulo. Nós combinamos que eles iam chamar-se Pedro e Paulo...

— Mudei de ideia.

— Você sabe quem foram Caim e Abel, Antunes?

— Dois irmãos.

— Um matou o outro, Antunes.

— Tenho certeza de que algum Pedro já matou algum Paulo, ou vice-versa, e como somos todos irmãos... Bobagem.

— É diferente de Caim e Abel...

— Você é supersticiosa, Custódia!

— Não, Antunes, eu sou religiosa. E você não suporta a minha fé.

— Não suporto a fé que você quer que eu tenha.

— Sabe o que você fez? Você pôs um peso na vida dos nossos filhos.

— Eu não pus peso coisa nenhuma. Eu pus um nome neles. Um nome, é só uma palavra. Palavras são palavras, não pesam.

— «Alcóolatra» pesa, Antunes. «Bêbado insuportável» pesa. E «separação»? Me diga, Antunes: e «separação»? O quanto pesa para você?

Custódia foi até à gaveta da cómoda, no passo lento de um parto exaustivo, e pegou uma tesoura. Cortou o fio vermelho no braço do filho a quem chamava Pedro.

— Tenho dois filhos, Antunes, e nenhum se chamará Caim.

Nem mais uma palavra foi dita. Nem sóbrio. Nem bêbado. Antunes perdeu a graça. Não sentiu um miserável gozo com a reação de Custódia. Apenas os seus dedos sabiam o que fazer: continuaram tamborilando na madeira.

Um idiota parou em fila dupla, gritaram as buzinas.

O idiota é Vedina. Ela percebe a indignação, mas Augusto desapareceu. Dentro dela há vozes muito mais estridentes e ameaçadoras: onde está Augusto? O que você fez com o nosso filho?

Um sonoro «filha da puta» atravessa o vidro. A cara do homem que rugiu para ela está deformada. Ele seria capaz de matar para defender os seus minutos. Vedina não se defende, é uma filha da puta indefensável. Uma mãe filha da puta... Se aquele homem soubesse... que deformação arranjaria para ficar à altura do que ela fez? Ninguém desacelera, a indiferença está em todo lugar. Vedina arranca com o carro e sente ânsias de vômito por se afastar do lugar onde deixou Augusto. Como ninguém viu Augusto? O que vai fazer? O que vai dizer a Abel? Tortura os dedos, quer castigar-se. Acelera e não vira no lugar de costume. Está ofegante. Será que deveria voltar e esperar Augusto aparecer? Deveria ligar para a polícia?

Sem conseguir decidir-se, entra numa rua qualquer, para o carro e começa a caminhar. Precisa de pensar, precisa de caminhar e pensar. Nunca esteve naquela rua antes. Vê o rostinho do filho pelo retrovisor desmanchar-se em desamparo. Para quem ela poderia ligar? Para quem poderia dizer: fiz uma merda imperdoável? Sou abominável, repugnante, meu Deus, o que vou dizer ao Abel? Vedina quer as piores palavras para

falar de si e não as encontra. Quer palavrões desmedidos na boca e alguma violência na carne. Não há ninguém para ligar... Talvez... talvez haja.

O telefone na sua bolsa vibra. É Cléa. Como alguém se chama Cléa? Nome de linha. Uma loura de pele marcada e voz sedutora. Calcinha sempre triangulando na bunda. Cabelos hidratados e unhas feitas. A essa hora deveria estar histérica, andando pelo corredor, indo e voltando, com o seu salto irritante batucando decibéis de revolta. A reunião precisava de começar. «Irresponsável!», Vedina ouvira muitas vezes Cléa gritar «irresponsável», dando uma pequena pausa antes de soltar o «sável». As reuniões são prioridade, as geleiras derretem, mas as reuniões são prioridade na vida de Cléa.

Vedina calça um sapato de quem já deveria ter chegado a uma reunião tão inadiável. Está bem longe de onde deveria estar, com sapatos inadequados para o rojão do desespero. A manicure tirou um bife enorme do seu dedo do pé. Dói, e ela pode sentir a inflamação. Deveria doer mais, tudo deveria existir para torturá-la. A dor distrai o seu desespero. O alicate deveria arrancar as suas unhas, e seria pouco para quem abandona um filho indefeso. Mas quem passa por Vedina na rua ainda a respeita. Nem imagina que se trate de um ser desprezível. Há cinco anos, desde que Augusto nasceu, foi obrigada a ser sua mãe. Foi obrigada a amá-lo.

A avó de Vedina fazia sapatinhos de linha Cléa para Augusto, quando Vedina nem sequer imaginava que o teria. Na ponta da agulha, um pezinho azul ia ficando dependurado. Vedina queria desmanchar aquele afeto, ponto por ponto. Queria, agora, aquela linha para se enforçar. Que mãe põe as coisas nestes termos: foi obrigada a amá-lo?

O telefone vibra novamente, é a porra da linha Cléa. Ela não desiste e dias depois dará a sua versão incontinente e maliciosa dos acontecimentos numa entrevista sensacionalista. O meu filho desapareceu, foda-se a reunião! O meu filho, entende? Culpa minha, entende? É o que Vedina gostaria de gritar, mas contorce-se com as mãos na boca do estômago, parece que o desespero embolou-se por ali. Lembra-se de que é urgente separar-se de Abel. Abel vai matá-la. Meu Deus... E ele vai estar com razão, e isso é pior do que morrer.

Passa por ela uma mulher com uma criança. Passa uma velha lenta aproveitando-se do sol delicado. Passa um homem, e depois outro com um pente aparecendo no bolso da camisa. Ninguém está aflito. Todos seguem conformados. Ela sente inveja dessa conformidade. A paz dos que não cometeram crime algum. Precisa de tomar uma decisão. Mas qual? Quer jogar os seus documentos no bueiro e sumir. Sente ímpetos

VÉSPERA

de fuga, quer gritar «roubaram o meu filho!». Inventar que foi roubada é a única saída. Não vai conseguir dizer a verdade. Como pôde? Alguém me ajude, o meu filho estava comigo e arrancaram-no de mim! Mas, em vez disso, dá um murro numa árvore. A árvore não se abala, é pura elegância. Um rapaz que passa de bicicleta para e pergunta: «Está tudo bem, moça?» «O quê?», responde ela. «Está tudo bem? Posso ajudar?» Ele não deveria ter feito aquilo. Ele não deveria ter sido tão gentil. Vedina chora, chora.

Vedina finalmente chora.

17 *O acaso fará mais do que um par de mãos.*

Diante do Colégio Santa Maria, Custódia viu os seus dois filhos de mãozinhas dadas, uniforme impecável, atravessarem o largo portão da escola no primeiro dia de aula das suas vidas. Os dois caminharam como se carregassem um copo d'água prestes a transbordar. Passinhos curtos e cautelosos de quem adentra um mundo grandioso e desconhecido. Eram da mesma altura, tinham o mesmo corte de cabelo, o mesmo jeito de pisar com o lado de fora do pé, e o mesmo curativo no joelho direito, embora só um deles estivesse machucado de verdade.

Ao lado do portão, uma das mães tentava acalmar a filha que chorava descomedida agarrando-se às suas pernas como se adiante houvesse um pelotão de fuzilamento. Paciente, a mãe explicava à menininha perfumada que a escola era um lugar divertido, que ela faria novos amigos, que ao fim do dia viria buscá-la. Mas a garota não tinha ouvidos, só garganta, que naquele momento funcionava com todos os seus decibéis. Fosse um desenho animado, veríamos a goelinha vermelha vibrando e uma boca enorme engolindo a tela. A mãe era sincera nos seus esforços de convencer a filha a entrar, mas havia também um orgulho de ser espetacularmente amada. De tempos em tempos, ela levantava os ombros

e os olhos duvidosamente suplicantes e satisfeitos para os outros pais. Aquela cena interminável provocou em Custódia uma pontada de despeito. Os seus filhos, mesmo que em passos cautelosos, nem olharam para trás.

Depois que eles entraram, ela ainda observou que alguns pais paravam os seus carros tempo o suficiente apenas para que os seus meninos, aqueles toquinhos de gente, saltassem. Depois arrancavam com o sentimento inconfesso de alívio, nem esperavam que os filhos cruzassem o portão da escola, confiantes de que eram capazes de dar dez passos sem supervisão. Custódia teve certeza de que jamais faria aquilo. Só arredaria o pé quando os meninos desaparecessem do seu campo visual por completo, coisa que, por sinal, a perturbava de uma maneira ainda desconhecida. Estava com o coração apertado. Sofria de medo, uma doença dramática em quem tem imaginação.

Com os primeiros passos, medo das quinas. Com as brisas, medo da febre. Com o sol, medo da desidratação. Com a comida, medo dos vômitos. Com o amor, medo da perda. Com a liberdade, medo das escolhas. Medo era o que não faltava a Custódia, e ela bem sabia que o pavor repentino é uma promessa de Deus aos desobedientes. Deus mandava, mas ela não perdoava Antunes. Ah, isso ela não podia. Não sabia. Não queria. Dominada por medos tragicamente imaginados, inflava a sua coragem minguada disfarçando-a no abuso dos verbos imperativos, no queixo arrogante, na força descomunal com que tentava tirar da alegria dos filhos, os riscos.

De todos os seus medos, um tornou-se o medo-rei, soberano, mais poderoso que todos os outros: o medo do filho extraviado. Por causa desse medo, Custódia fez uma incontável quantidade de absurdos.

Mas sejamos justos: que mãe não padece desse calafrio? Do filho que dá errado, que se perde ou é perdido. Isso é como um cordão umbilical, nenhuma mãe nasce sem ele. Só que em Custódia o estremecimento tinha agravantes. Mais do que o medo do filho extraviado, existia o medo de reconhecê-lo, de súbito, num dos gémeos. Num gesto, numa palavra, num olhar... saber qual dos dois era Caim. Custódia era uma mãe atormentada por duas tragédias: a do filho que mata e a do filho que é morto.

Na companhia desse pavor, tampou os olhos com mãos firmes e, por não ver ninguém, achou que não seria vista. Como a brincadeira de cobrir o rostinho de um bebê com uma fralda, gritando entusiasmada ao retirá-la: «Achou!»

Foi exatamente isso o que Custódia fez: reduziu o funcionamento do mundo ao seu ponto de vista. Um esforço descomunal para que os meninos se tornassem iguais, indistinguíveis, e assim se tornassem um só: Abel. As mesmas roupas, o mesmo quarto, os mesmos brinquedos compartilhados e o mesmo nome. Um nome «Abel» em dois corpinhos, que um dia seriam dois desejos e, depois disso... sabe-se lá quanta bagunça. Mas Custódia não antecipava o que viria pela frente... Urgente era o que estava diante dela: a lambança do bêbado insuportável que ela decidiu limpar pondo uma fraldinha nos olhos de todos! Seria razoável, contudo, não a julgar apressadamente. Que mulher religiosa dormiria tranquila tendo um filho chamado Caim e outro Abel? Nem mesmo um ateu convicto passaria por debaixo dessa escada assobiando.

Abel e Abelzinho, por mais absurdo que pareça, foi a solução encontrada para os primeiros seis anos de vida dos gêmeos. Inverossímil como só a realidade sabe ser. Os dois aprenderam a negociar quem seria quem quando era necessário negociar. Sem disputas. Apenas a patética lógica na irracionalidade do medo. O que era de um era do outro, de maneira que os dois cresciam embolados, ora sendo Abel, ora sendo Abelzinho... Como se negar a existência de dois fizesse desaparecer o lugar onde, irremediavelmente, alguma coisa ia sendo diferente em cada um deles. Ninguém pode deter um corpo, nem a sua plasticidade única. Mas Custódia achou que podia.

Naquele primeiro dia de aula, diante do portão do Colégio Santa Maria, ela carregava um peso no coração, não só por se separar pela primeira vez dos gêmeos, mas porque era o dia em que, oficialmente, Caim passaria a existir. Um pesadelo que Custódia pensara poder adiar para o resto da vida. A escola exigia a certidão de nascimento. Esse nome seria pronunciado na hora da chamada, duas letras depois de Abel. Seria gritado no recreio, seria registado na capa dos cadernos, no topo do boletim. Seria entoado pelo professor diante da turma, em pianíssimo ou fortíssimo, conforme o elogio ou o puxão de orelha.

Seria, sobretudo, cochichado, maliciosamente, com perplexidade, pelos corredores, pelos que não acreditariam em dois irmãos a quem os pais haviam tido a insensatez de dar os nomes de Caim e Abel. Uma vergonha eterna. O facto é que o truque de embolar os meninos, ao qual Custódia tanto se dedicara, acabava ali, naquele primeiro dia de aula.

Custódia reviveu a vontade arrebatadora de odiar Antunes. Que raiava ela sentia daquela estupidez.

— Você resolva isso — disse-lhe, quebrando uma rotina de poucas palavras que mantinha a convivência entre os dois possível. — Resolva isso!

Desde o nascimento dos meninos, Custódia e Antunes — que nunca mais foi Tonico na vida — só conversavam um com o outro o que se podia conversar com qualquer um. As mesmas palavras eram ditas, dia após dia, e só elas pareciam permitidas. Nada além do necessário: o almoço está na mesa, estou indo, cheguei, desligue o aquecedor, deixe dinheiro para o açougue... e no máximo um bom dia, uma boa noite, resquícios de uma civilidade esgarçada. Foi o único arranjo possível para eles depois que Antunes preparou, apontou, rebolou diante da bola e acertou na trave.

— Resolva isso!

«Resolva isso» era alguma coisa que ele não tinha a menor ideia do que fosse. Mas, ainda assim, empenhar-se-ia. Empenhar-se-ia com todas as forças porque a palavra «separação» ecoava dentro dele como uma tragédia. Preferia viver mal, até morrer, a ficar longe da sua casa, dos seus filhos e da sua mulher. Ainda que ela não o visse mais como homem. Nem como alguém digno de respeito. Muito menos como um amor. Preferia viver assim, desprezado, a ser banido de vez. Ir para onde? Voltar para onde? A sua casa era ali, a sua vida era ali perto dos filhos e da mulher que, apesar de tudo, considerava sua.

Naquele irremediável dia, depois de entregar a Custódia a certidão dos filhos e diante da reação dela, Antunes foi tomado por uma confusão mental sobre si mesmo. As palavras «bêbado insuportável», ditas sem nada que pudesse distraí-lo, como um grito, um gesto teatral, ou qualquer outro aspeto convulsivo, soaram indefensáveis. Foram pronunciadas com uma voz mansa que não precisou de nada além da

verdade para se fazer maciça. Antunes não pôde escapar do choque de se ver pelo olhar de Custódia. Sabia do desprezo dela, não tinha ilusões. A estupidez engendrada por ele era, inclusive, uma resposta mal dimensionada aos constantes destratos a que ela o submetia. Mas não tinha entendido ainda que o asco espesso estava onde ele imaginava estar a alegria e o afeto, naqueles momentos em que ele se sentia um sujeito livre, espontâneo e cheio de desejo pela mulher com quem se casara. A impressionante falta de consciência de que era um bêbado, e ainda por cima insuportável, caiu sobre ele como um fim. Mas o pior foi ter-se dado conta de que não havia novidade alguma, ela já tinha dito aquilo muitas vezes, com todas as letras, e ainda assim ele adia ouvir. Adia porque odiava dar-lhe o direito a esse ponto de vista. Porque não aceitava que ficasse de fora daquela lente o homem trabalhador, dedicado à família, que estava sempre em casa, desejando a mulher com quem se casara. Era assim que ele mais se reconhecia. Porquê resumi-lo em duas palavras: bêbado insuportável? Com que desgosto aquilo se desvelava diante dele, que revés doloroso a constatação cruel de que era o engano, e não o amor, que os mantivera juntos!

No dia seguinte àquele em que afrontou Custódia com o nome dos filhos, arrependido, abatido pela ressaca dos acontecimentos com uma intensidade que nenhuma quantidade de álcool conseguira provocar em toda a sua vida, Antunes foi para a Pregos & Etecetera, como fazia todas as manhãs. O primeiro cliente a aparecer foi uma velha conhecida, dona Tamires, que travava com ele uma espécie de jogo de memória. As suas listas de compras eram enormes e ela depositava-as sobre o balcão como a carta de um jogo de tabuleiro que distribui missões. Queria ver Antunes memorizar aquelas compras e depois somá-las mentalmente. Ele era, então, imediatamente tomado por um bom humor e uma confiança que ela gostava de testemunhar. Como um protagonista em cena, pegava o papel, lia lentamente a lista, depois dobrava-o, deixando-o sobre o balcão. Então saía, pegando coisa por coisa, sem vacilar, indo direto nas caixas certas, repetindo o nome de cada item, sem perder o ritmo e a segurança de um galã. Gestos seguros e elegantes a ple-nos pulmões. Se, nesse momento, entrasse um outro cliente na loja, ele sinalizava performático um pedido de espera, com a palma da mão

solicitando não ser interrompido, e seguia no desafio da lista. Reunia tudo aquilo no balcão, apertava os olhos, e alguns minutos depois dizia: São 187 cruzeiros, dona Tamires. Ela, hipnotizada pela cena, pegava imediatamente a lista, batia item por item, enquanto ele detalhava no papel a conta que havia feito de cabeça. Nada havia sido esquecido, e a somatória era exata. O que vinha depois era uma conversa divertida, uma sedução sem nenhuma pretensão engatilhada. Talvez dona Tamires nem precisasse de todas aquelas quinquilharias que, semana sim, semana não, ia buscar. Mas era viúva, sofria a falta dos filhos criados, e aqueles minutinhos testemunhando a bem-humorada habilidade do Sr. Antunes amenizavam a sua solidão.

Mas naquele dia, o dia da maior ressaca da sua vida, Antunes pegou a lista de dona Tamires desacorçoado. Com os pensamentos distantes, começou a separar cada item, ignorando o acordo tácito que existia entre eles de como fazer aquilo. Uma pesada obrigação conduzia os seus gestos. Então, percebendo o abatimento do amigo, ela reivindicou, carinhosamente, os seus minutos de alegria. Ele, com uma honestidade compungida, o olhar caído e húmido, respondeu:

— Hoje, dona Tamires, a minha cabeça não consegue guardar coisa alguma.

E assim o dia arrastou-se, irrecuperável, como tudo na sua vida a partir dali. «Que estupidez», repetiu tantas vezes, «que estupidez».

No caminho de volta para casa, Antunes seguiu sem querer chegar. Retardando ao máximo esse momento. Observou comovido um homem caminhando ao lado do filho pequeno. Um menininho de perninhas tortas, usando uma botinha ortopédica, que tentava andar equilibrando-se numa mureta estreita, apoiando-se, quando necessário, no braço do pai que, paciente, deixava o garoto comandar o tempo. Antunes sentiu uma súbita vontade de ver os filhos crescerem. De caminhar com eles com passos desocupados. Assobiando. Aquilo apertou o seu peito: a leveza perdida, o peso perpétuo. Fechou os olhos e pediu, talvez ao Deus de Custódia, de quem tantas vezes caçara, talvez ao Deus da sua mãe, para quem rezava quando criança, pediu pelos filhos. Pediu que a sua ignorância não prejudicasse os meninos e

que as palavras não tivessem poder de fazer o mal acontecer. Admitiu, arrasado: tinha ido longe demais.

Passou na padaria e comprou pão. Apenas pão. Ficou muito tempo sem beber, muito tempo sem lugar. A sua casa parecia não ser mais sua. Perdeu o jeito de ser ele. Chegava e ficava deslocado, sem liberdade de pegar os meninos ou dirigir a palavra à mulher. Custódia estava sempre às voltas com os bebês, descabelada e aflita. Solange, a moça que contrataram para ajudar com os gémeos, mais parecia um enfeite. A ela não eram permitidas iniciativas de qualquer natureza. Custódia conferia e refazia tudo em que ela colocava a mão. Nada prestava. Antunes, mesmo cerceado, insistia em aproximar-se dos gémeos, não saía de casa sem dar um beijo nos filhos nem voltava sem ir ter com eles. Travava pequenos enfrentamentos com Custódia, tímidos o suficiente para não ser expulso de casa. Poucas vezes arriscou impor o que pensava ser a sua autoridade de homem, algumas delas desastrosamente. Percebia, culpado, uma tristeza de fundo na mulher que se misturava a tudo o que ela fazia. Preferia mil vezes os momentos de agressividade que Custódia, de tempos em tempos, promovia, à mágoa silenciosa que a deformava.

Mas o tempo agiu. A raiva foi sendo menos raiva. A culpa, menos culpa, as mágoas, menos mágoas e o bêbado insuportável, um pouco mais suportável... pelo menos aos olhos do próprio Antunes. Ele retomou o velho vício, embora com novos critérios. Nunca mais bebeu na frente de Custódia. Passou a beber na rua, nos bares, sozinho e calado, mais por submissão do que pela antiga admiração ao álcool. Uma lastimável decadência evolava da sua imagem solitária, bebendo sem assunto, sem amigos, sem sorrir, envolto em memórias corrosivas. Nunca mais uma cerveja desceria apenas gelada ou uma cachaça esquentaria inocente o seu corpo. Haveria sempre um «bêbado insuportável» intrometendo-se nos seus porres.

Então, seis anos depois da grande burrada, ocasião em que os meninos começariam a frequentar a escola, quando Custódia lhe disse «resolva isso», Antunes não podia imaginar o que significava exatamente «resolva isso». E também não podia perguntar, porque dadas

as circunstâncias, com o ódio da mulher absolutamente atualizado, o melhor era se manter invisível e obedecer: «Resolva isso.»

Antunes nunca teve dúvida de que o arranjo estapafúrdio que Custódia impusera de chamar um filho de Abel e outro de Abelzinho, num sistema capenga de rodízio, cada um podendo ser uma coisa ou outra de acordo com a maré, era um completo delírio, uma bagunça sem pé nem cabeça. Aquilo não podia ir longe, nunca funcionou bem e criava uma confusão atrás da outra. Óbvio. Teria sido muito mais simples se cada um tivesse tido o seu próprio nome desde pequeno, por pior que fosse esse nome. Mas bom senso não era o forte da família, a começar pelo próprio Antunes, que não só fez uma grande burrada, como a registou em cartório. Ele jamais confrontou a sandice da mulher, culpado que era por toda a encrenca. Não ia tomar para si o papel de sensato. Ai dele se o fizesse! Chegou a ir ao cartório tentar mudar o nome dos filhos, mas era passado de mão em mão, de riso em riso... Tão complicado que largou pra lá. Foi empurrando, certo de que mais cedo ou mais tarde as coisas se acomodariam. Caim ia ser Caim, e a hora tinha chegado. A escola estava exigindo os documentos, cada filho ia ter que ter o seu próprio nome: «Resolva isso.»

A única coisa a fazer era inventar uma história para os filhos, pensou Antunes. Passou dias ensaiando, testando palavras e frases, antevendo a reação dos meninos, tentando encontrar uma maneira de explicar aquela situação absurda: um deles, ao som do despertador numa manhã de segunda, passaria a chamar-se Caim. Quem pode, com seis anos, entender uma coisa dessas? Nem com mil anos! O que dizer? O que esconder? O quanto mentir? Resolva isso, bêbado insuportável.

Era sexta-feira à tarde, Antunes saiu mais cedo do trabalho e chegou a casa com duas sacolas. Os meninos estavam no quintal construindo uma torre de coisas empilhadas: sapato, caminhão de brinquedo, caixa de baralho, pedras, pau, pano, cascas de inseto. O que eles achavam pela frente ia alimentando a tal pilha, e o desafio era não a deixar desmoronar-se.

Poucos dias antes, um dos gémeos levava uma surra do pai por subir no pé de abacate. Eram expressamente proibidos de tal aventura porque Custódia ficava louca e imaginava todo tipo de desgraça. Antunes flagrou a desobediência dos meninos depois de ter passado pelo bar com

o «resolva isso» entalado na garganta e exagerou na reação. Queria ser a mão pesada da lei naquele dia. Mesmo tendo batido num só dos gêmeos, a surra doeu nos dois, e a mágoa com o pai veio em dueto.

Mas naquela tarde, a ideia de fazer uma torre que ultrapassasse o abacateiro e os levasse às alturas, driblando o interdito do pai, teve um efeito terapêutico. Ao ouvir a voz alegre de Antunes chamando por eles da varanda, Abelzinho esqueceu-se da mágoa e gritou:

— Pai, você tem alguma coisa pra pôr na nossa pilha?

— Tenho uma coisa bem melhor aqui comigo, uma surpresa — respondeu Antunes.

Abel e Abelzinho olharam-se com os olhos arregalados e saíram correndo para dentro de casa. O pai mandou que lavassem as mãos e que se sentassem à mesa da sala de jantar. Pressentindo que alguma coisa muito diferente aconteceria, eles obedeceram rapidamente.

— Sabe o que tem nessa sacola? — disse Antunes, entregando uma sacola para cada filho.

— Não.

— Não.

— Então olhem... Podem pegar, tirar tudo pra fora.

Os meninos, com as suas mãozinhas pequenas, foram tirando coisa por coisa e colocando sobre a mesa. Cada caderno, cada lápis, cada objeto arrancava deles um encantamento, um olhar cúmplice, um sorriso que se esparramava tímido e indisfarçável.

— Esse é o material que vocês vão levar para a escola na segunda-feira.

— Isso tudo?

— Isso tudo, sim, senhor!

— Isso tudo é meu e do meu irmão, pai?

— Não, filho, isso tudo que está com você é seu. Só seu.

O olhar de Abelzinho explodiu num brilho sem precedentes.

— Essa caixa de lápis de cor é só minha?

— Só sua, filho. O seu irmão vai ter a dele. — Abelzinho vibrou agarrando Abel pela cintura, tentando tirar os pés do irmão do chão, enquanto repetia eufórico:

— É só minha, é só minha...

— E sabe o que é isso aqui na minha mão? — continuou Antunes.
— São etiquetas com o nome de cada um de vocês pra gente colar nas coisas, e não confundir o que é de um com o que é do outro. Sabe o que está escrito aqui?

— A-bel — soletrou Abelzinho, reconhecendo na letra do pai o jeito de escrever o nome deles.

— E aqui? O que está escrito?

— A-bel-zinho!

— Não, filho. Aqui está escrito Caim.

— Caim? — disse Abelzinho, olhando para o irmão, fazendo uma careta engraçada.

— É, Caim. Quando vocês nasceram, dei o nome de Abel pra um e Caim pro outro.

— Caimmm?! Nunca vi esse nome!

— Eu sei. Aqui em casa... vocês sempre foram Abel e Abelzinho...

— Porque a gente é igualzinho!

— Não é? Só que agora vocês cresceram, já vão até pra escola, e cada um vai precisar ter um nome só seu!

— Porque não pode ser Abel e Abelzinho?

— Porque o nome que está escrito no papel é Abel e Caim. E a escola exige o papel com o nome de cada um escrito. Sem esse papel aqui, ó, não pode entrar na escola.

— Quem vai ser Abel, pai?

— Quem vai ser Abel, filho? Quem acordar primeiro!

Notando o silêncio de um dos gémeos, que até aquele momento não dissera nada, e o desconforto que o fazia desviar o olhar, Antunes perguntou:

— O que foi, Abel? O gato comeu a sua língua?

Sem obter resposta, Antunes insistiu:

— Hein, filho, o que foi?

— Eu não quero uma caixa de lápis de cor só pra mim, pai — disse Abel, enquanto covinhas fundas vibravam no seu queixo uma incontável vontade de chorar.

VÉSPERA

Antunes rapidamente ocupou as mãos dos meninos, deu-lhes a tarefa de colar, bem retinho e sem deixar enrugar, as etiquetas com os nomes em cada material. Foi o que bastou para distraí-los.

Naquela noite, Abel não dormiu... Naturalmente, foi o primeiro a acordar.